

Fil.

Professor: Larissa Rocha
Gui de Franco
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

RESUMO

Estética

A estética constitui-se como um dos principais campos de investigação e interpretação ao longo da história do pensamento filosófico. Ela tem suas raízes na Antiguidade grega, principalmente através do pensamento de Platão e de Aristóteles, mas ganhou novas e desafiadoras abordagens na modernidade, sobretudo na filosofia de Immanuel Kant e Hegel. Inicialmente explicaremos o que é a estética enquanto área específica da filosofia, para podermos, em seguida, fazer um panorama do pensamento estético na antiguidade (Platão e Aristóteles) e do pensamento estético elaborado pela filosofia moderna (Kant e Hegel).

A estética é a área da filosofia que investiga, fundamentalmente, sobre a arte e o conceito do belo. A **palavra “estética” vem do grego aisthesis, que significa – dentre outras coisas – “faculdade de sentir” ou “compreensão pelos sentidos”**. Assim, as questões mais centrais da estética são: **O que é a arte? É possível defini-la ou ela escapa a toda e qualquer definição última? Qual é o papel da arte nas sociedades humanas? Quais os seus limites? Já em relação ao conceito do belo, a estética tenta responder: A beleza pode ser definida? Ela se encontra no objeto observado ou no sujeito que a contempla? Como interpretar os padrões de beleza que surgem em dados contextos culturais? Veremos agora algumas das respostas possíveis a tais questões nas filosofias de Platão, Aristóteles, Kant e Hegel.**

Para falarmos da estética grega antiga, devemos nos recordar do tipo de arte que, em geral, era realizado naquele contexto histórico. Trata-se da arte naturalista, em que a imitação da realidade constituía grande parte do trabalho dos artistas gregos. Como exemplo, podemos citar as esculturas gregas que imitavam os heróis olímpicos, como a famosa obra Discóbolo do artista grego Miron. Segundo Platão, a arte é entendida **justamente como “mímesis”, ou seja, como “imitação” da realidade.**

No entanto, para entender a estética platônica precisamos ter em mente sua famosa teoria das idéias, que afirma que há dois mundos: o mundo da idéias - onde se encontra a Realidade, a Verdade, a Essência de tudo o que existe, e o mundo sensível – onde observamos as cópias ou imitações dos modelos universais inteligíveis. Aplicando a teoria das idéias na compreensão da arte, Platão defende que o artista está a três pontos de distância da verdade, ou seja, que ele está muito longe de ter uma compreensão verdadeira sobre a realidade. **Ele é apenas um imitador, um criador de “simulacros” e, portanto, deve ser expulso da cidade Ideal que Platão defende em sua grande obra, “A República”.**

Com efeito, o artista imita as coisas do mundo sensível, por exemplo, um pintor pinta uma cama particular que ele observa, buscando a máxima perfeição em sua obra. No entanto, a cama que ele observa para imitar através de uma pintura é, de acordo com a teoria das idéias, uma cópia imperfeita da Ideia de cama. Conclusão: De acordo com Platão, o artista faz a cópia da cópia, ou seja, imita coisas (do mundo sensível) que já são cópias (do mundo inteligível). É neste sentido que o filósofo ateniense defende que a arte está a três pontos de distância da Verdade e que, portanto, deve ser vigiada, controlada, pois o artista seria perigoso dentro de uma sociedade voltada para o conhecimento racional, como aquela imaginada por Platão.

Aristóteles, por sua vez, reconhece, juntamente com Platão, que a arte é “mímesis” (imitação). No entanto, ele tenta mostrar que, enquanto imitação, a arte pode ter um papel educativo positivo, diferentemente de Platão, que reforça o lado negativo da imitação, como algo que está aquém ou distante da realidade. Neste sentido, Aristóteles reconhece o valor da arte e nos remete, por exemplo, à forma como somos educados através da imitação, como todo o nosso aprendizado inicial, por exemplo, ocorre pela observação e pela imitação. Enquanto potência produtiva, portanto, a arte nos diz sobre como as coisas poderiam acontecer, nos fazendo refletir e aprender através dessas experiências estéticas.

Já na filosofia de Immanuel Kant (1724 – 1804) a estética assume novos contornos na medida em que está situada num contexto cultural bastante diferente daquele observado na antiguidade grega. Para Kant, o belo é aquilo que agrada universalmente, por mais que tal não possa ser justificado de maneira racional. Com **a “revolução copernicana” operada por Kant na filosofia, toda a atenção filosófica é deslocada do objeto para o sujeito.** Assim, uma obra de arte bela será aquela que gera prazer no sujeito que a contempla, e não uma propriedade que está presente no objeto observado. Trata-se, portanto, de um sentimento subjetivo de prazer naquele que observa uma obra de arte.

No entanto, há a possibilidade de universalização do juízo estético, isto é, daquilo que sentimos como agradável ou desagradável do ponto de vista artístico. Essa possibilidade existe na medida em que, por mais que sejamos indivíduos diferentes, com gostos e experiências diferentes, possuímos uma mesma faculdade de julgar. Portanto, se levarmos em consideração – juntamente com Kant – que as condições subjetivas da faculdade de julgar são as mesmas em todos os seres humanos, conseguimos compreender o motivo pelo qual ele considera que é possível universalizar o juízo estético. Em última análise, acabaremos por reconhecer que aquela arte observada é **“bela” ou “sublime” ou “feia”, pois há uma natureza humana única** dentro da qual fazemos os nossos juízos estéticos.

Por fim, Hegel introduz na estética o seu historicismo, na medida em que compreenderá que o conceito de belo se transforma ao longo do tempo. Por exemplo, uma coisa que é vista hoje como feia, pode vir a ser considerada futuramente como bela, de acordo com os contextos históricos que estão em jogo. Da mesma maneira, a arte e o conceito de belo refletem as mudanças e transformações que, inexoravelmente, ocorrem nas sociedades, o que nos leva a um sentido diferente daquele proposto por Kant, ao considerar o belo como universalizável.

EXERCÍCIOS

1. Leia os textos a seguir.

A arte de imitar está bem longe da verdade, e se executa tudo, ao que parece, é pelo facto de atingir apenas uma pequena porção de cada coisa, que não passa de uma aparição.

Adaptado de: PLATÃO. A República. 7.ed. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p.457.

O imitar é congênito no homem e os homens se comprazem no imitado.

Adaptado de: ARISTÓTELES. Poética. 4.ed. Trad. De Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. p.203. Coleção “Os Pensadores”.

Com base nos textos, nos conhecimentos sobre estética e a questão da mimesis em Platão e Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- Para Platão, a obra do artista é cópia de coisas fenomênicas, um exemplo particular e, por isso, algo inadequado e inferior, tanto em relação aos objetos representados quanto às ideias universais que os pressupõem.
- Para Platão, as obras produzidas pelos poetas, pintores e escultores representam perfeitamente a verdade e a essência do plano inteligível, sendo a atividade do artista um fazer nobre, imprescindível para o engrandecimento da pólis e da filosofia.
- Na compreensão de Aristóteles, a arte se restringe à reprodução de objetos existentes, o que veda o poder do artista de invenção do real e impossibilita a função caricatural que a arte poderia assumir ao apresentar os modelos de maneira distorcida.
- Aristóteles concebe a mimesis artística como uma atividade que reproduz passivamente a aparência das coisas, o que impede ao artista a possibilidade de recriação das coisas segundo uma nova dimensão.
- Aristóteles se opõe à concepção de que a arte é imitação e entende que a música, o teatro e a poesia são incapazes de provocar um efeito benéfico e purificador no espectador.

2. A fonte do conceito de autonomia da arte é o pensamento estético de Kant. Praticamente tudo o que fazemos na vida é o oposto da apreciação estética, pois praticamente tudo o que fazemos serve para alguma coisa, ainda que apenas para satisfazer um desejo. Enquanto objeto de apreciação estética, uma coisa não obedece a essa razão instrumental: enquanto tal, ela não serve para nada, ela vale por si. As hierarquias que entram em jogo nas coisas que obedecem à razão instrumental, isto é, nas coisas de que nos servimos, não entram em jogo nas obras de arte tomadas enquanto tais. Sendo assim, a luta contra a autonomia da arte tem por fim submeter também a arte à razão instrumental, isto é, tem por fim recusar também à arte a dimensão em virtude da qual, sem servir para nada, ela vale por si. Trata-se, em suma, da luta pelo empobrecimento do mundo.

(Antônio Cícero. “A autonomia da arte”. Folha de São Paulo, 13.12.2008. Adaptado.)

De acordo com a análise do autor,

- a) a racionalidade instrumental, sob o ponto de vista da filosofia de Kant, fornece os fundamentos para a apreciação estética.
- b) um mundo empobrecido seria aquele em que ocorre o esvaziamento do campo estético de suas qualidades intrínsecas.
- c) a transformação da arte em espetáculo da indústria cultural é um critério adequado para a avaliação de sua condição autônoma.
- d) o critério mais adequado para a apreciação estética consiste em sua validação pelo gosto médio do público consumidor.
- e) a autonomia dos diversos tipos de obra de arte está prioritariamente subordinada à sua valorização como produto no mercado.

3. Observe a figura a seguir e responda à(s).

A figura mostra Atenas na atualidade. Observam-se as ruínas da Acrópolis – onde ficavam os templos como o Partenon –, o Teatro de Dionísio e a Asthy – com a Ágora (Mercado/Praça Pública) e as casas dos moradores.

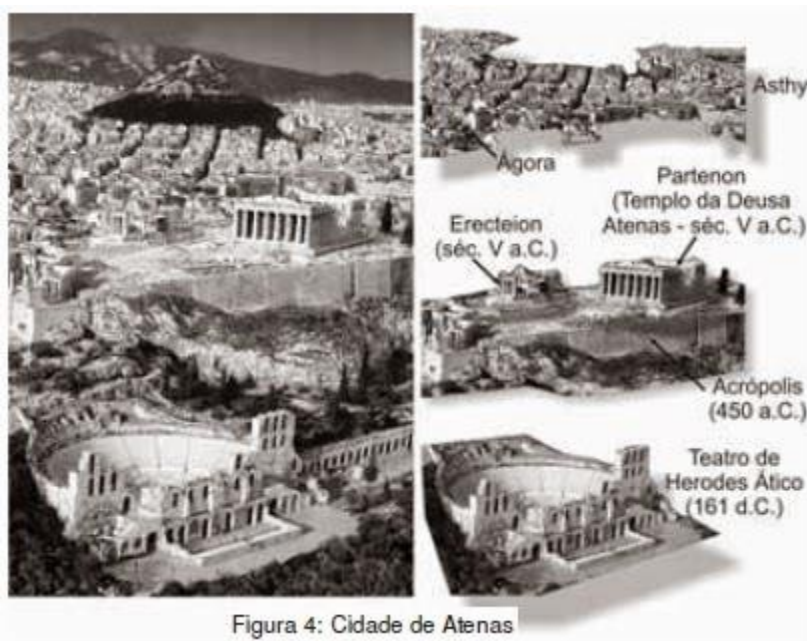


Figura 4: Cidade de Atenas

Leia o texto a seguir.

Para Aristóteles, a boa convivência entre os habitantes da cidade ideal não seria nunca obtida com a mera *apathia* (ausência de paixões) platônica, mas somente através de uma boa medida entre razão e afetividade. Enfim, a arte não apenas é capaz de nos trazer saber, ela tem também uma função edificante e pedagógica.

(FEITOSA, C. Explicando a filosofia com arte. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p.123.)

Com base na figura, no texto, nos conhecimentos sobre Aristóteles e na ideia de que os espaços do Teatro, da Ágora, dos Templos na cidade de Atenas foram imprescindíveis para a vocação formativa da arte na Grécia Clássica, considere as afirmativas a seguir.

- I. A catarse propiciada pelas obras teatrais trágicas apresentadas na cidade grega operava uma transformação das emoções e tornava possível que os cidadãos se purificassem e saíssem mais elevados dos espetáculos.
- II. A obra poética educava e instruía o cidadão da cidade grega, e isso acontecia por consequência da satisfação que este sentia ao imitar os atos dos grandes heróis que eram encenados no teatro.
- III. O poeta demonstrava o universal como possível ao criar modelos de situações exemplares, que permitem fortalecer o sentimento de comunidade.
- IV. O belo nas diversas artes, como nos poemas épicos, na tragédia e na comédia, desvinculava--se dos laços morais e sociais existentes na polis, projetando-se em um mundo idealizado.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

4. Na República, Platão faz a seguinte consideração sobre os poetas:

[...] devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas, e proscrever as más.

[...] Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se. [...] As que nos contaram Hesíodo e Homero – esses dois e os restantes poetas. Efectivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas falsas que contaram e continuam a contar.

Por seu turno, na Poética, Aristóteles diz o seguinte a respeito dos poetas:

[...] quando no poeta se repreende uma falta contra a verdade, há talvez que responder como Sófocles: que representava ele os homens tais como devem ser, e Eurípides, tais como são. E depois caberia ainda responder: os poetas representam a opinião comum, como nas histórias que contam acerca dos deuses: essas histórias talvez não sejam verdadeiras, nem melhores; [...] no entanto, assim as contam os homens.

(ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 468. Os Pensadores IV.)

Com base nos textos acima e nos conhecimentos sobre o pensamento estético de Platão e de Aristóteles, assinale a alternativa correta.

- a) Para Platão e Aristóteles, apesar da importância de poetas como Homero, na educação tradicional grega, as fábulas que compuseram são perigosas para a formação da juventude.
- b) Platão critica os poetas por dizerem o falso e apresentarem deuses e heróis de maneira desonrosa, enquanto Aristóteles os elogia por falarem o verdadeiro.
- c) Platão e Aristóteles concordam com o fato de o poeta falar o falso, só que para Platão suas fábulas são indignas para a juventude, enquanto que, para Aristóteles, a poesia por ser mimesis não precisa dizer a verdade.
- d) O problema para Platão é que Homero e os outros poetas falam sobre o mundo sensível e não sobre a verdade; já Aristóteles acredita que eles devem ser repreendidos por isso.
- e) Falar o falso para Platão é problemático porque o falso pode passar pelo verdadeiro; para Aristóteles, o poeta apresenta a verdadeira realidade.

5. Considere a citação abaixo:

“Sócrates: Tomemos como princípio que todos os poetas, a começar por Homero, são simples imitadores das aparências da virtude e dos outros assuntos de que tratam, mas que não atingem a verdade. São semelhantes nisto ao pintor de que falávamos há instantes, que desenhará uma aparência de sapateiro, sem nada entender de sapataria, para pessoas que, não percebendo mais do que ele, julgam as coisas segundo a aparência?”

Glauco – “Sim”.

Fonte: PLATÃO. A República. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1997. p.328.

Com base no texto acima e nos conhecimentos sobre a mimesis em Platão, assinale a alternativa correta.

- a) Platão critica a pintura e a poesia porque ambas são apenas imitações diretas da realidade.
- b) Para Platão, os poetas e pintores têm um conhecimento válido dos objetos que representam.
- c) Tanto os poetas quanto os pintores estão, segundo a teoria de Platão, afastados dois graus da verdade.
- d) Platão critica os poetas e pintores porque estes, à medida que conhecem apenas as aparências, não têm nenhum conhecimento válido do que imitam ou representam.
- e) A poesia e a pintura são criticadas por Platão porque são cópias imperfeitas do mundo das ideias.

6. “A solução da antinomia do gosto encontra aqui sua explicação e seu significado. Contrariamente ao que afirma o racionalismo clássico, o juízo de gosto não se fundamenta em conceitos (regras) determinados: portanto, torna-se impossível ‘disputar’ acerca dele como se tratasse de um juízo de conhecimento científico. No entanto, ele não se limita a remeter à pura subjetividade empírica do sentimento, porque se baseia na presença de um objeto, que se é belo (...), desperta uma ideia necessária da razão que é, enquanto tal, comum à humanidade. Portanto, é em referência a essa ideia determinada (..) que é possível ‘discutir’ o gosto e ampliar a esfera da subjetividade pura para visar uma partilha não dogmática da experiência estética com outrem enquanto outro homem”

(LUC FERRY: Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática).

A partir da leitura do texto acima, é correto afirmar que:

- o dito “questão de gosto não se discute” tem sentido, uma vez que o gosto não é objeto científico.
 - os juízos de gosto concorrem para a constituição da cultura e da socialidade.
 - se pode e se deve discutir e formular juízos de gosto, embora sirvam apenas como exercícios teóricos.
 - o discutir sobre o gosto é condição suficiente para o entendimento entre as subjetividades.
 - o autor aponta um outro critério científico, além dos métodos científicos conhecidos.
7. A concepção de arte tem mudado ao longo dos séculos. A arte como imitação da natureza e a arte como expressão e construção são, respectivamente, concepções dos seguintes períodos:
- antigo e contemporâneo.
 - antigo e medieval.
 - medieval e moderno.
 - antigo e moderno.
 - moderno e contemporâneo.

8. Analise as imagens a seguir.



Imagem I

Foto de Sebastião Salgado. Disponível em <http://projetosic.wordpress.com/category/links/>. Acesso em 19/09/2008.



Imagem II

Cena de filme de Charles Chaplin. Disponível em <http://luciointhesky.wordpress.com/2011/12/26/o-garoto-de-charles-chaplin/>. Acesso em 19/09/2008.

As imagens I e II representam duas formas artísticas de um fenômeno que provocou mudanças significativas na arte, sobretudo a partir do século XX: a reprodutibilidade técnica.

Com base nas imagens e nos conhecimentos sobre a reprodutibilidade técnica em Walter Benjamin, é correto afirmar:

- a) A reprodução das obras de arte começa no final do século XIX com o surgimento da fotografia e do cinema, pois até então as obras não eram copiadas, por motivos religiosos e místicos.
- b) Na passagem do período burguês para a sociedade de massas, o declínio da aura que ocorre na arte pode ser creditado a fatores sociais, como o desejo de ter as coisas mais próximas e superar aquilo que é único.
- c) A perda da aura retira da arte o seu papel crítico no interior da sociedade de consumo, isto ocorre porque a reprodutibilidade técnica destrói a possibilidade de exposição das obras.
- d) Desde o período medieval, o valor de exposição das obras de arte é fator preponderante, visto que o desempenho de sua função religiosa exigia que a arte aparecesse de forma bem visível aos espectadores que a cultuavam.
- e) O cinema desempenha um importante papel político de conscientização dos espectadores, uma vez que seu caráter expositivo tornou-se cultural ao recuperar a dimensão aurática.

9. Nos últimos anos, observa-se a presença considerável de questões ligadas à arte nas escolas formais e informais. Isto se dá, segundo alguns teóricos que se ocupam do discurso estético, porque a arte é uma forma de compreender e transformar a realidade. Aponte qual alternativa reflete essa visão.

- a) A arte conduz o espírito humano a uma forma de vida completamente destituída de interesses materiais e sociais.
- b) Muitos artistas contribuíram para grandes transformações sociais, provocando a supervalorização econômica das obras de arte.
- c) O discurso estético tem a capacidade de atrair as pessoas, porque lida fundamentalmente com a perspectiva de harmonia e beleza.
- d) Conhecendo a arte de cada época, as sociedades presentes têm melhores condições de decidir quanto à tendência estética atual.
- e) Há uma função pedagógica da arte que é traduzida pela ideia de que ela leva a conhecer o que escapa ao discurso da ciência e de outras linguagens discursivas.

10. “[...] não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa [...] diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular”.

(ARISTÓTELES. Poética. Trad. de Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 209.)

Com base no texto e nos conhecimentos sobre a estética em Aristóteles, é correto afirmar:

- a) A poesia é uma cópia imperfeita, realizada no mundo sensível, sob a inspiração das musas e distante da verdade.
- b) Os poetas, de acordo com a sua índole, representam pessoas de caráter elevado, como ocorre na tragédia, ou homens inferiores, como na comédia.
- c) A poesia deve ser fiel aos acontecimentos históricos e considerar os fatos em sua particularidade.
- d) A poesia deve a sua origem à história e a compreensão daquela supõe o entendimento da própria natureza do ser humano.
- e) A imitação, que ocorre na tragédia, representa uma ação completa e de caráter elevado, de uma forma narrativa e não dramática.

GABARITO

Exercícios

1. a
2. b
3. d
4. c
5. d
6. a
7. a
8. b
9. e
10. b